



WWF

BRIEF

2017

A photograph of a man and a child in a wooden boat on a body of water. The man, wearing a yellow shirt, is at the back of the boat, using a long wooden oar to row. The child, wearing a white shirt, is sitting in the front of the boat, looking towards the water. The water is dark blue with some ripples and reflections. The background shows some green foliage and a clear sky.

WATER STEWARDSHIP

Perspectivas sobre os riscos dos negócios e as respostas aos desafios da água

Conteúdo

CONTEXTO	1
INTRODUÇÃO	3
PARTE A POR QUE STEWARDSHIP?	8
O contexto de mudanças globais relacionadas à água para as empresas	8
Risco para os negócios	10
Avaliação de riscos	13
Liderança	14
PARTE B FACILITANDO STEWARDSHIP	20
PARTE C O BOM, O MAU E O FEIO	30
Como serão os debates reais sobre Water Stewardship?	32
Um chamado à ação	32
O que o WWF estará fazendo em Water Stewardship?	34
COMENTÁRIOS FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

O WWF é uma das maiores e mais experientes organizações independentes de conservação no mundo, com mais de 5 milhões de afiliados e uma rede global ativa em mais de 100 países.

A missão do WWF é impedir a degradação do meio ambiente e construir um futuro no qual seres humanos vivam em harmonia com a natureza.

Capa: Amazonas - Brasil © Zig Koch / WWF-Canon

Publicado em Agosto de 2013 por WWF – World Wide Fund For Nature (antes World Wildlife Fund), Gland, Suíça

Qualquer reprodução na totalidade ou em parte deve mencionar o título e editor acima como proprietário dos direitos autorais.

©Texto 2013 WWF

Todos os direitos reservados

Tradução Inglês – Português: Bié Tradução

Diagramação: FSB Comunicação

Apoio para tradução e diagramação: Programa Água Brasil

O Programa Água Brasil é uma iniciativa do Banco do Brasil, WWF-Brasil, Fundação Banco do Brasil, Agência Nacional de Águas pela conservação da água.

Visite: www.bbaguabrasil.com.br

CONTEXTO

O WWF tem trabalhado intensamente na conservação da água ao longo de décadas. Durante esse tempo, evoluímos e expandimos nossos programas de modo a atender mudanças e desafios relacionados às questões hídricas.

Com a intensificação dos problemas de governança, escassez e poluição, o interesse na proteção da água se diversificou. Mais do que nunca, os líderes empresariais percebem que a lucratividade de longo prazo – e mesmo a viabilidade dos negócios – depende da quantidade e qualidade adequada de água disponível, no tempo e lugar certo para atender às necessidades das pessoas, empresas e ecossistemas. Esse interesse comercial desencadeou a criação pelo WWF, em 2008, do Programa Water Stewardship.

O conceito de Water Stewardship serve para unir um amplo conjunto de stakeholders interessados na gestão da água. Há diferentes entendimentos do que vem a ser Water Stewardship. O mais comum, refere-se à ação das empresas para enfrentar os desafios da água. Neste documento usamos o termo neste sentido, em alusão ao setor empresarial e suas atitudes diante de tais desafios.

Water Stewardship Empresarial é a evolução na melhoria constante do uso da água e na redução dos impactos sobre os recursos hídricos, causados pelas operações internas e cadeias de produção. Mais importante do que isso é o compromisso com o manejo sustentável dos recursos hídricos compartilhados e de interesse público, por meio da ação coletiva com outras empresas, governos, ONGs e comunidades.

O WWF é um forte defensor do engajamento responsável do setor privado nas questões hídricas e há muito tem trabalhado com empresas na proteção de bacias hidrográficas. Estamos atentos ao crescente interesse no tema água por parte do setor empresarial e de negócios e consideramos que a boa gestão exista. No entanto, considerando as ações relatadas pelas empresas e os impactos reais observados, hoje vemos que há uma resposta bastante inconsistente por parte das mesmas, na forma de alegações pouco fundamentadas sobre seu engajamento em Stewardship, esforços sem resultados, metas inconsistentes, e estratégias pontuais para

enfrentamento dos desafios. Essa rígida avaliação constitui-se simplesmente no reflexo da grande confusão sobre os problemas e como tratá-los, e muitas vezes, uma interpretação vaga do conceito e objetivo de Water Stewardship.

Por que isso é importante? As projeções sobre o futuro da água doce no planeta mostram que estamos diante de escolhas cada vez mais difíceis, à medida que nos esforçamos para satisfazer nossas necessidades de alimentos, energia e água e ao mesmo tempo manter os demais serviços ecossistêmicos prestados pelos sistemas de água doce. Otimizar o uso da água em um setor pode ter consequências desastrosas em outros e a história nos mostra que naturalmente o mais frágil é afetado em maiores proporções.

Como nossos recursos hídricos compartilhados enfrentam demanda crescente, simplesmente reduzir o uso e a poluição pode não ser suficiente para garantir a água necessária para todas as nossas necessidades e desejos - incluindo o crescimento econômico. O WWF não quer ver esforços desperdiçados em impasses ou abordagens ineficazes; nem mero greenwashing como resposta das empresas às questões hídricas; ou uma diluição do termo Water Stewardship. Assim, acreditamos que é hora de estabelecer um marco com relação ao que acreditamos ser importante.

INTRODUÇÃO

Este documento se destina a qualquer pessoa que tenha interesse em entender melhor o conceito de Water Stewardship conforme definido pelo WWF.

Nossa definição se baseia nos conhecimentos adquiridos a partir das contribuições que fizemos para muitos dos aspectos que compõem esta abordagem. Isto inclui manejo de bacias hidrográficas, pegada hídrica, análise de risco, métricas, estratégia de Stewardship, políticas públicas, desenvolvimento de padrões e parcerias com empresas em bacias hidrográficas sob pressão. Temos expressado nossa definição de risco e pegada hídrica em publicações anteriores. Uma lista pode ser encontrada no final desse documento.

Por que o WWF?

Uma síntese sobre Water Stewardship poderia ser escrita por diferentes consultorias de negócios; cada uma traria sua própria perspectiva. No WWF, nos preocupamos com a saúde dos ecossistemas, uma vez que entendemos que ecossistemas saudáveis são essenciais para o bem-estar humano. E aqueles que fornecem água para a humanidade - o mais essencial dos recursos - estão sob grande agressão.

Para exemplificar, o Índice Planeta Vivo para a Água Doce (WWF, 2014) mostra um declínio médio de 76%, entre 1970 e 2010, no tamanho de 3.066 populações monitoradas de 757 espécies de peixes, aves, répteis, anfíbios e mamíferos de ecossistemas de água doce. As principais ameaças para espécies de água doce são a perda e fragmentação de habitats, poluição e espécies invasoras. Mudanças nos níveis das águas e na conectividade dos sistemas de água doce – causado, por exemplo, por irrigação e represas de usinas hidrelétricas – têm um grande impacto nos habitats de água doce (Figura 1).

Neste contexto, Water Stewardship objetiva promover políticas e intervenções que favoreçam tendências positivas nos ecossistemas de água doce, revertendo o quadro de degradação observado.

Para enfrentar os desafios hídricos compartilhados, o WWF possui mais de 370 funcionários, em 65 países, dedicados exclusivamente a questões hídricas nacionais e regionais. Há muito

tempo, reconhecemos que tratar as tendências de declínio das espécies e atender as demandas sociais, implicava em engajar os tomadores de decisão e os vetores dessas tendências. Water Stewardship, se bem feito, representa hoje um novo instrumento para desencadear uma mudança positiva com foco nas empresas e investidores.

A alternativa de não-envolvimento com as empresas e os investidores nos lugares em que atuamos, simplesmente não é uma opção. Levando-se em conta a ampliação dos desafios da água no mundo, a implementação defasada da gestão integrada de recursos hídricos e a falta de investimento dos governos nesses recursos, mostra que é preciso explorar todas as vias de mudança possíveis.

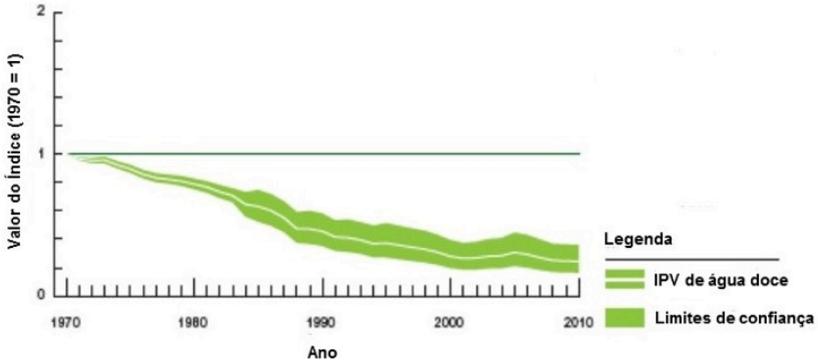
Reconhecemos que o envolvimento das empresas em debates sobre a gestão hídrica, especialmente nas políticas públicas, provoca preocupações significativas de algumas ONGs e do público geral, incluindo apreensões sobre a apropriação de recursos globais por empresas. No centro dessas preocupações encontram-se duas questões:

1. A água é um recurso público altamente complexo com múltiplas funções e valores socialmente definidos. Sua gestão eficaz requer a conciliação contínua entre os interesses privados e o bem-estar coletivo, sem mencionar a realização de um direito humano fundamental.
2. Embora levem em consideração interesses sociais e ambientais mais amplos, muitas empresas são legalmente obrigadas a priorizar os interesses de um pequeno conjunto de acionistas (Newborne e Mason, 2012).

Para garantir que o lucro das empresas seja equilibrado com os valores sociais e ambientais, o WWF e outros parceiros devem estar aptos a separar a retórica de Water Stewardship da ação substantiva, bem como questionar e mensurar a participação das empresas de forma a gerar benefícios para além do retorno financeiro de curto prazo.

Figure 1

Índice Planeta Vivo (IPV) para ecossistemas de água doce.



Fonte: WWF, 2014

A relevância para o WWF em trabalhar com Water Stewardship, além de passar pelos ganhos ambientais por tratar do elemento água em seus alvos de conservação, vai ao encontro das oportunidades em influenciar o engajamento responsável do setor privado nas questões.



CULTIVANDO CONSCIÊNCIA PARA A CONSERVAÇÃO DA ÁGUA 🐼

Ciente sobre o seu papel e a necessidade de proteger a microbacia do córrego Crispim (bacia do Paranoá-Corumbá), na cidade do Gama, Distrito Federal, a Ambev uniu-se ao WWF em 2011 para desenvolver um projeto piloto batizado de Projeto Bacias. O objetivo foi mitigar os riscos hídricos por meio da preservação e restauração da bacia onde uma fábrica da Ambev captava água e a comunidade local costumava se beneficiar das águas do córrego Crispim. Ao final de três anos de parceria e com a ajuda do WWF, a ação coletiva liderada pela empresa resultou em uma avaliação socioambiental e um plano de restauração da bacia, os quais indicaram, respectivamente, outros líderes locais e nove áreas críticas prioritárias para intervenção. A implementação do plano de restauração associado ao engajamento de atores locais levou a quatro grandes ganhos: i) 8 mil pessoas mobilizadas; ii) 5,7 mil mudas plantadas para proteger 0,87 hectare de nascentes e matas ciliares; iii) construção de um viveiro com capacidade anual para 10 mil mudas; iv) monitoramento mensal de seis córregos prioritários na bacia do Paranoá-Corumbá. O Projeto Bacias também gerou rica troca de experiências entre os atores locais. Portanto, abriu portas para que a Ambev dissemine seu próprio caso, replique-o em outras bacias e mobilize empresas e outros stakeholders em áreas-chave para água doce, uma vez que os funcionários da fábrica local ficaram motivados e claramente orientados a trabalhar com tal abordagem inovadora ao nível de microbacia.



Nascente córrego Crispim, Gama (DF)

Parte A POR QUE STEWARDSHIP?

O CONTEXTO DE MUDANÇAS GLOBAIS RELACIONADAS À ÁGUA PARA AS EMPRESAS

A água é um recurso cada vez mais demandado e presente na agenda social. Sua gestão é hoje reconhecida como um dos principais desafios sociais, ambientais e de sustentabilidade do século 21 (WEF, 2015). Algumas estatísticas alarmantes atestam os desafios envolvidos na sua gestão, com quase um quinto da população mundial - cerca de 1,2 bilhão de pessoas - residindo em regiões onde a água está agora fisicamente escassa, prevendo-se que atinja dois terços da população mundial até 2025 (FAO, 2007). Outro 1,6 bilhão de pessoas, ou quase um quarto da população mundial, enfrenta escassez econômica de água, uma condição em que muitos países não possuem a infraestrutura e a capacidade financeira necessárias para levar a água dos rios e aquíferos para os domicílios.

Consideremos três tendências:

1. O planeta terá um acréscimo de 2,5 bilhões de pessoas nos próximos 40 anos (Godfray et al, 2010) e isso aumentará a pegada hídrica da humanidade, bem como os custos de infraestrutura para apoiar o desenvolvimento humano sustentável.
2. A mudança climática global resultará em maior variabilidade do clima, menos água doce armazenada na forma de gelo e neve, mais eventos extremos que causam secas e inundações e mudanças nos ecossistemas que sustentam a vida e os meios de vida ligados à água doce (Banco Mundial, 2013). A gestão sustentável da água se tornará inegavelmente mais difícil no futuro.

Em 2012, 53% das empresas que responderam ao Relatório Água do Carbon Disclosure Project relataram ter sofrido impactos hídricos prejudiciais nos últimos cinco anos, com 68% identificando a água como um risco substancial para seus negócios (CDP-Water, 2012). No décimo relatório Risco Global do Fórum Econômico Mundial, a crise de abastecimento de água emergiu entre os dez maiores riscos globais para os negócios nos próximos 10 anos. Embora, tenha ocupado o oitavo lugar no quesito probabilidade de ocorrência, atingiu o topo da lista quanto a grau de impacto (WEF, 2015). Em quase todos os casos de risco hídrico documentado, as fábricas, operações e cadeias de suprimentos estão localizadas em áreas que exigem ações que vão além de simplesmente administrar o uso da água na própria empresa. Se essas empresas esperam reduzir concretamente os riscos hídricos para os negócios, precisarão se concentrar não apenas no ambiente interno, mas também nas condições externas.

3. O aumento da renda, especialmente nos países BRICS, levará a um aumento no consumo de alimentos e outros recursos, além de mudanças nos padrões de consumo. Especialistas dizem que precisaremos dobrar as áreas irrigadas até 2050 para produzir alimentos em quantidade suficiente para atender à demanda (Faurès et al., 2007).

Dada a natureza global dessas tendências, nenhuma parte isolada, seja de governo, sociedade ou empresa privada, pode garantir um futuro seguro em termos de água. Será preciso uma ação coletiva e coordenada para encontrar formas inovadoras e sustentáveis de proteção do ciclo da água em um mundo em rápida mudança. Water Stewardship envolve aqueles que não possuem mandato de governo para gerir recursos ou infraestruturas hídricas, mas lhes permite contribuir positivamente para a segurança hídrica.

Water Stewardship envolve aqueles que não possuem mandato de governo para gerir recursos ou infraestruturas hídricas, mas lhes permite contribuir positivamente para a segurança hídrica.

Afirmações sobre a água

Muitas empresas têm buscado iniciativas de neutralidade em carbono e tentam replicá-las no que se refere à água. Para muitas, isso inicia a jornada de Water Stewardship e ajuda a vender o argumento da água dentro da empresa. O WWF está preocupado com as afirmações empresariais em relação a essas abordagens, pois podem causar distrações em relação a respostas potencialmente mais estratégicas e significativas. Se incorporadas como parte de uma estratégia mais ampla, tais atividades podem ser bastante úteis se forem localmente relevantes e demonstrarem benefícios mensuráveis para as bacias hidrográficas ou pessoas. Mas, se forem consideradas como um fim em si – ou, se o objetivo for ganhar um prêmio de empresa verde para alcançar a neutralidade – logo esses esforços são irrelevantes para os atores externos e os desafios reais em jogo. Se for um componente de sua estratégia mais ampla de Stewardship, tenha certeza de saber porque está fazendo isso, como vai impactar positivamente as bacias hidrográficas, e comunique isso claramente.

RISCO PARA OS NEGÓCIOS

As atuais questões hídricas regionais e locais e a trajetória de agravamento da escassez de água no futuro demonstram que o envolvimento das empresas com a agenda de água se encontra em um ponto crítico. As empresas enfrentam, ou irão enfrentar em breve, riscos hídricos que terão impacto fundamental na lucratividade e no valor da marca. Desse modo, compreender os desafios hídricos presentes e futuros para a sociedade, empresas e meio ambiente – e as implicações disso para a economia – deve ser prioridade para os líderes empresariais.

Risco compartilhado é um incentivo para que empresas invistam em gestão sustentável da água para além de seus muros, de forma a promover o interesse público e gerir o risco de negócio ao mesmo tempo.

O Brasil, detentor de 12% de toda a água superficial do planeta, apresenta uma vantagem competitiva para geração de hidroeletricidade, potencial de área irrigada para produção de alimentos, biocombustíveis e potencial para abastecimento público doméstico e industrial. Essa posição privilegiada não está totalmente assegurada, uma vez que a distribuição da água é desigual e expõe regiões do país ao risco físico. A divisão hidrográfica do Paraná, por exemplo, onde se localiza as principais indústrias do país, concentra 50% da população, sendo cinco vezes menor que a bacia Amazônica, onde se concentra apenas 8% da população brasileira. A diferença na quantidade de água disponível

nessas duas regiões distintas é significativa, conferindo a Amazônia 78% e ao Sudeste apenas 6%, respectivamente, de toda água superficial do território brasileiro (Tundisi, 1999).

O risco hídrico para as empresas advém do uso cumulativo da água por todos os usuários em uma mesma bacia hidrográfica. Mesmo que algumas sejam altamente eficientes no uso do recurso, ou usem relativamente pouca quantidade de água, todas permanecem expostas a algum nível de risco quando operam em bacias de captação sob estresse hídrico, com limites de outorga extrapolados e transposições, ou onde a água é mal distribuída entre pessoas e ecossistemas. Por outro lado, aqueles que buscam eficiência em áreas com abundância de água podem não estar otimizando o uso de seu capital, e os esforços poderiam ser melhor empregados em outras questões.

De fato, em um mundo onde a água tem um preço artificialmente baixo para ajudar a garantir sua disponibilidade para todos, geralmente há pouco incentivo à conservação. Isto leva a mecanismos regulatórios de comando e controle, tais como sobretaxas e multas, como o principal motivador para a ação. No entanto, parece a punição estar sendo lentamente substituída por recompensas. Talvez esteja finalmente amadurecendo na sociedade a visão de que o valor da água é realmente muito maior do que o seu custo atual, com uma crescente compreensão de que os investimentos na conservação do recurso podem gerar significativa economia de energia, criar opções futuras para o crescimento, ou converção para conquista de novos mercados consumidores.

Do ponto de vista da produção, a água é uma questão central de muitas empresas. Os serviços ecossistêmicos de água doce representam ativos desconhecidos para muitas empresas e, como tal, os ativos e passivos hídricos merecem destaque nos comunicados financeiros para ajudar a trazer um nível de consciência aos gestores e investidores sobre a importância da água para a empresa.

O envolvimento das empresas para além dos muros da fábrica não deve ser simplesmente uma questão de responsabilidade social corporativa (RSC) ou relações públicas. Há um business case essencial para se alcançar a sustentabilidade e acesso a água limpa. É importante que as empresas percebam que se elas considerarem as atividades relacionadas à água somente

pela perspectiva de RSC, é pouco provável que consigam enfrentar seus principais riscos hídricos, ou que aproveitem oportunidades potenciais. Tornar-se um bom water steward requer passar de iniciativas ad hoc e filantrópicas - mesmo que tragam ganho reputacional - para o reconhecimento da água como uma questão estratégica e central da empresa, o que é essencial para os lucros e oportunidades de crescimento no longo prazo.

O risco hídrico está desproporcionalmente distribuído, com diferentes possibilidades para os usuários lidarem com eventos de escassez e poluição. No entanto, defendemos que as empresas compartilhem uma necessidade comum com a população por serviços hídricos confiáveis e gestão sustentável da água. O risco compartilhado é a ideia de que as empresas percebam que investir na gestão sustentável da água para além os muros da fábrica, de forma que contribua para atender o interesse público, repercute ao mesmo tempo no gerenciamento do risco do negócio. O risco compartilhado não implica que os desafios hídricos produzam um risco similar ou senso de urgência para todos os stakeholders. Pelo contrário, o conceito coloca os desafios hídricos locais como um problema comum ou partilhado e, idealmente, desencadeia respostas pró-ativas e colaborativas.

Definimos o risco hídrico em três categorias básicas, que se combinam para alcançar o resultado final (Figura 2).

Figura 2
Tipos de Riscos Hídrico



Cuidado com a rotulagem

Os rótulos de produtos de consumo que incluem a água (pegada hídrica ou de avaliação do ciclo de vida) têm sido discutidos há anos. O WWF não incentiva rótulos volumétricos por várias razões. Comunicar um volume médio de água é extremamente difícil, e acreditamos que independentemente dos números gerados, mostrarão uma história distorcida. O que exatamente um rótulo de estresse hídrico informa a um consumidor na Europa ou na Austrália sobre um pobre agricultor na África, vivendo em um ambiente de escassez de água e tentando sair da pobreza comercializando seus produtos? O WWF acredita que o tempo, esforço e custo de se buscar esse tipo de rótulo desviam os esforços e recursos dos pontos que realmente importam. Se as empresas querem de fato ser water stewards, irão resolver as questões relativas ao seu uso da água e introduzir produtos no mercado que podem ser validados através de suas credenciais de Stewardship. Depois, fica a cargo dos consumidores decidir com base em informações relevantes, e não distorcidas sobre os rótulos.

AValiação de Riscos

Para atender a essa necessidade de comunicação e de avaliação de potenciais riscos hídricos, criamos a ferramenta de risco hídrico WRF (Water Risk Filter - waterriskfilter.org) por meio de um projeto conjunto com o DEG, a organização alemã de

financiamento do desenvolvimento. A WRF considera os riscos para os empreendimentos com base na bacia hidrográfica em que estão localizados, bem como o setor da atividade empresarial e a gestão de recursos hídricos específica da empresa.

Os riscos relacionados às bacias incluem disponibilidade de água, demanda agregada, qualidade da água e condição dos ecossistemas, questões de governança e regulação e potenciais riscos reputacionais. Os riscos específicos para as empresas englobam o grau de dependência por água, volume de uso, potencial de poluição dos processos, riscos na cadeia de suprimentos, mudanças previstas na regulação setorial ou licenças específicas e o envolvimento da empresa no engajamento de parceiros locais. No total, os riscos são avaliados com base em cerca de 60 indicadores e as pontuações são ponderadas e agregadas para o cálculo de uma média final.

Nossa intenção não é encontrar a pontuação de risco perfeita, mas oferecer às empresas e investidores informações suficientes para se alertarem quanto aos riscos e oportunidades, e mais importante ainda, começarem a montar planos estratégicos para a água. Esperamos levar mais empresas e investidores a se concentrarem nas ações corretas e responderem melhor ao uso coletivo da água. Com isso, será factível mitigar os riscos compartilhados e aproveitar as oportunidades financeiras no processo.

LIDERANÇA

Se esses riscos estivessem totalmente compreendidos, as empresas se envolveriam em Water Stewardship com base em seu business case, sem a necessidade do valor agregado à marca de ser visto como um líder.

Muitas das empresas envolvidas em Stewardship identificaram a água, ou aspectos particulares da sua gestão, como um nicho para demonstrarem sua responsabilidade ambiental e se destacarem de seus concorrentes. A percepção de liderança em questões ambientais específicas é vista como um importante incentivo para o engajamento.

Quando as empresas percebem que outras estão estabelecidas em um nicho de sustentabilidade ambiental específico, como por exemplo Water Stewardship, ficam relutantes em ampliar as fronteiras e demonstrar liderança, preferindo buscar outros nichos onde possam se estabelecer. Essa maneira de pensar revela que a natureza de Water Stewardship e os riscos hídricos básicos para os negócios ainda não foram completamente entendidos; e

que Water Stewardship ainda é visto como uma iniciativa de RSC, cuja principal motivação é a imagem da marca. Se esses riscos estivessem totalmente compreendidos, as empresas se envolveriam em Water Stewardship com base em seu business case, sem a necessidade do valor agregado à marca de ser visto como um líder.

Evidentemente, o risco é subjetivo; no entanto, na maioria dos casos, as pessoas não estão tão preocupadas com a água o quanto deveriam. Em outras situações, se preocupam equivocadamente. Assim como na temática das mudanças climáticas, a ameaça de escassez de água é muitas vezes percebida como um problema hipotético que pode ou não se materializar. No entanto, como é evidente a partir do resumo das respostas da pesquisa do CDP (veja na página 10), sabe-se que o problema está longe de ser hipotético. O WWF e outras entidades precisam ajudar a mudança de percepção através da comunicação eficaz das questões hídricas e como elas já estão afetando sociedades, empresas e o meio ambiente.

Faça mais!

As empresas têm sido criativas na organização de diferentes mesas redondas sobre setores industriais específicos ou outros ambientes “seguros” para discutir questões da água. Isso é compreensível, mas muito sobre a água é determinado no ambiente externo ao negócio - por forças bastante diversas como marcos regulatórios e ciclos hidrológicos naturais. Grupos industriais que elaboram suas próprias metodologias de pegada, impacto ou risco devem reconhecer que a natureza compartilhada da água exige o estabelecimento de acordo externo sobre o que deve ser contabilizado, o que deve entrar no offset e como será o impacto. As empresas devem se engajar nos processos junto com instituições que realizam gestão de recursos hídricos, governos e atores locais, ao invés de conversar apenas entre si.

OPORTUNIDADES

Diante dos riscos aqui levantados e da necessidade de liderança, há oportunidades que devem ser exploradas para alavancar ações de Water Stewardship.

Empresários estão cada vez mais interessados em saber o quanto de água é necessário para apoiar o crescimento de seus negócios no longo prazo. Isto implica em preocupações não apenas no sentido de garantir água para suas operações a qualquer custo,

mas compreender os riscos hídricos reais para os negócios e para quem mais dependa e compartilhe do mesmo recurso numa determinada bacia hidrográfica. Nesse sentido, o WWF está apto a engajar empresas (individualmente ou por setores) demonstrando que o risco compartilhado é uma abordagem estratégica na gestão responsável da água para além dos muros da fábrica, de forma a beneficiar o interesse público, pois estariam gerenciando o risco do próprio negócio ao mesmo tempo.

Instituições financeiras estão cada vez mais interessadas em ganhar notoriedade por ações de sustentabilidade que venham a apoiar, financiar ou desenvolver junto aos mais diversos setores econômicos. Desse modo, o WWF pode fornecer subsídios para que diretrizes e critérios de políticas de crédito de instituições financeiras sejam desenvolvidos com priorização de elementos mínimos tais como a avaliação e a comunicação dos riscos hídricos. Além disso, a mitigação e a redução dos riscos hídricos devem ser consideradas nas relações das instituições financeiras com clientes, empreendimentos, cadeia de fornecedores e negócios sustentáveis, de forma integrada à visão de risco socioambiental a ser exigida a partir da publicação de resoluções do Banco Central. As instituições financeiras, por sua vez, estariam ganhando em visibilidade, liderança e inovação, mitigando assim impactos socioambientais que podem ser convertidos em risco reputacional e de crédito.

Muitas companhias, marcas multinacionais ou mesmo pequenas e médias empresas possuem impacto significativo e influência nas bacias hidrográficas prioritárias para o WWF. É importante frisar que este impacto refere-se ao consumo de água e a relação direta e indireta de consumidores, produtores e varejistas com o uso dos sistemas de água doce. Para a maior parte das empresas, a pegada hídrica como medida de consumo efetivo de água (aquela que se perde da bacia hidrográfica) é muito maior nos insumos elaborados em sua cadeia produtiva (pegada hídrica indireta) do que em suas próprias operações e bens manufaturados (pegada hídrica direta). Em nível de país, somos o quarto maior exportador de água virtual¹ do mundo

¹ Total de água utilizada para produção de alimentos e bens de consumo, a qual no momento das exportações e importações fica embutida devido aos processos de produção empregados (Allan, 2003)

por termos uma economia fortemente baseada na exportação de commodities. Desse modo, várias instituições estão cada vez mais alertas acerca dos riscos ambientais e possíveis conflitos hídricos que seus negócios podem vir a enfrentar pela falta ou má qualidade da água, ou mesmo estão preservando sua imagem corporativa ou fortalecendo sua marca por meio da ferramenta da pegada hídrica como estratégia corporativa. Isto remete a oportunidades para parcerias com o setor privado visando os alvos de conservação de ecossistemas de água doce e disseminação de boas práticas ao longo de cadeias produtivas.

Investidores precisam estar cientes de que tanto a lucratividade quanto a viabilidade de seus investimentos no longo prazo dependem da quantidade e qualidade de água disponível no momento e local certo, atendendo as necessidades das pessoas, negócios e ecossistemas. Nesse sentido, o WWF pode utilizar sua experiência pretérita para a construção de estudos de caso que divulguem apropriadamente os trabalhos de conservação da água realizados em parceria com o setor privado e seus respectivos ganhos, servindo de exemplo e estímulo para outros investidores.

GARANTINDO SEGURANÇA HÍDRICA E ALIMENTAR PARA A POPULAÇÃO

Em 2010, quatro importantes instituições brasileiras uniram-se por um objetivo comum: a conservação da água e dos rios. E, da parceria entre WWF-Brasil, Banco do Brasil, Fundação Banco do Brasil e Agência Nacional de Águas surgiu o Água Brasil, um Programa que dissemina práticas sustentáveis ao redor do país, além de promover a conscientização e mudança de atitude da sociedade com relação à conservação ambiental.

No meio rural, o Programa está presente em sete microbacias hidrográficas e desenvolve projetos que exploram boas práticas agropecuárias, agroecologia, restauração florestal, extrativismo, produção sustentável, sempre com o objetivo de conservar o solo e a água para garantir a segurança hídrica e alimentar para a comunidade local.

Já no meio urbano, o Água Brasil tem o objetivo estimular a mudança de comportamento e valores em relação à produção e destinação de resíduos sólidos para diminuir a pressão sobre os recursos hídricos, incentivar a estruturação da cadeia de reciclagem, promover a educação ambiental junto à população, além de gerar trabalho e renda para os catadores de materiais recicláveis e apoiar as prefeituras municipais na implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) nas cinco cidades selecionadas.

A parceria busca, ainda, o aperfeiçoamento dos critérios de avaliação do risco socioambiental nos processos de financiamento e investimento e a proposição de oportunidades de negócios associados a modelos de produção sustentáveis. O setor bancário é estratégico para a conservação da natureza, em função do importante papel que exerce no financiamento da produção agrícola e de outras atividades.

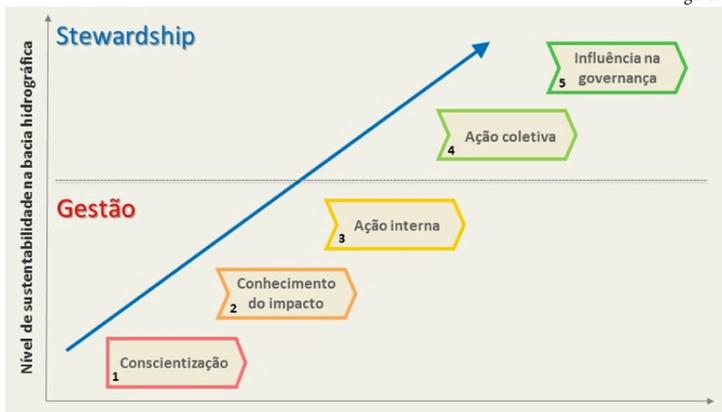




Parte B FACILITANDO STEWARDSHIP

O aparecimento de Water Stewardship não substitui a necessidade de expertise técnica, nem anula a responsabilidade do governo pela gestão da água. Temos testemunhado muitos esforços iniciais de empresas começando do zero um novo “negócio da água”, agindo como se ninguém tivesse feito nada antes! Ser um bom water steward exige boa compreensão da água como um recurso que tem fortes conexões com objetivos político-econômicos, tais como saúde, energia e agricultura. Somente com tal entendimento uma empresa pode criar uma estratégia que seja relevante para as várias partes interessadas. No entanto, mesmo com uma estratégia clara, as empresas devem estar conscientes de que as regras do jogo são definidas pelo governo. Assim, Stewardship requer advocacy por políticas de maneira bem diferente da que a maioria das empresas têm feito até agora.

As etapas seguintes (Figura 3) ajudam a definir o conceito de Water Stewardship do WWF. Foram elaboradas para ajudar na compreensão das diversas atividades relacionadas à água, as quais as empresas podem se empenhar, mas não pretendem ser uma descrição abrangente da ação de cada empresa. Embora seja simples por definição, existe bastante profundidade de detalhes para cada passo. Também há sobreposição entre os passos, o que significa que não devem ser vistos como prescritivos, engessados ou hierarquicamente dependentes, mas sim fluidos e interativos. A natureza local da água irá ditar as áreas a serem priorizadas por algumas empresas e o nível de risco de acordo com o setor empresarial e localização geográfica.



Fonte: WWF, 2012

- 1. Conscientização** – Na sua forma mais básica, trata-se de conscientização a respeito dos debates gerais sobre a água (social, ambiental e econômico), o contexto da gestão hídrica, a funcionalidade das instituições que fazem a gestão, bem como as implicações para setores específicos. A conscientização também deve explorar como a empresa é percebida pelos outros, incluindo os atores da bacia, imprensa, consumidores, ONGs etc. Isso por sua vez, irá influenciar o grau de risco enfrentado por determinada empresa. Ocorre também a consciência interna sobre os problemas, desde o CEO até os gerentes de fábrica e fornecedores, o que é um fator fundamental para as empresas disseminarem a questão hídrica internamente e realizar ações onde realmente é importante. Assim como os passos subsequentes, este é um processo contínuo e deve ser revisado periodicamente.
- 2. Conhecimento do impacto** – – A empresa precisa ter amplo conhecimento sobre onde está sua pegada, onde estão localizados os fornecedores e suas dependências hídricas - tanto em termos de quantidade quanto de qualidade. Isso pode incluir a mensuração da pegada hídrica, do impacto das atividades da empresa sobre os recursos hídricos, e como essas atividades afetam as pessoas e os ecossistemas. A partir daí, as

empresas vão começar a entender o contexto mais amplo do seu uso da água, incluindo exemplos práticos e outras questões de risco mais concretas. Esse entendimento deve começar pela inclusão do contexto de bacias hidrográficas específicas e a identificação de “hotspots” sob elevado risco, provocados por questões de quantidade e / ou qualidade da água relevantes para a empresa.

- 3. Ação interna** – Este é um primeiro passo lógico e de fácil gestão para delinear ações, metas, objetivos, planos etc., que ajudem a lidar com as correções técnicas mais imediatas para o problema. Pode também ser um bom momento para trazer maior consciência para dentro da empresa. A ação interna significa um compromisso com empregados, consumidores e fornecedores para estabelecer as oportunidades e os riscos potenciais para a empresa. A eficiência hídrica (conforme o caso), medição, elaboração de relatórios sobre a quantidade e qualidade da água e redução da poluição, são todos elementos cruciais da ação interna. Também é a fase em que as empresas começam a envolver seus fornecedores para realizar melhorias.

Empresas e investidores não estão se perguntando o bastante sobre a quantidade de água (e risco) necessária para o crescimento futuro.

Quanta água será necessária para apoiar o crescimento da sua empresa? Se seus investidores ainda não estão lhe perguntando isto, um dia irão. Você pode crescer estimando a dependência por água ou desenvolvendo uma estratégia hídrica que olhe para além do futuro imediato. Esta estratégia não deve se focar em assegurar água a qualquer custo, pelo contrário, deve demonstrar entendimento de riscos em evolução em torno de quem ou o quê precisará da mesma água, e quais mudanças (sociais, climáticas e políticas) são esperadas nas áreas em crescimento ao longo do tempo.areas over time.

A ponte entre os passos 1, 2, 3 e os demais

Os três primeiros passos são bastante diferentes dos dois subsequentes. É quando ocorre a mudança de paradigma e uma empresa sai da gestão para o Stewardship. As regras, métricas, foco, engajamento, controle e complexidade modificam-se consideravelmente e as noções tradicionais de sustentabilidade corporativa são mais questionadas pelo recurso utilizado.

Etapas 1, 2 e 3	Etapas 4 e 5
Controle direto (esfera de controle)	Controle indireto (esfera de influência)
Impactos da empresa sobre os recursos hídricos	Impactos das questões hídricas externas sobre a empresa
Eficiência no uso dos recursos	Alocação de recursos
Produtos gerados	Locais de produção
Valor criado pela empresa	Valores que as pessoas sustentam
Risco enfrentado pela empresa	Risco enfrentado por todos

- 4. Ação coletiva** – Diz respeito ao envolvimento externo e demonstra que a empresa agora reconhece que trabalhar com outros atores e em várias escalas (desde fóruns globais até grupos de usuários de água locais) deve ser uma parte necessária de sua estratégia. Os stakeholders podem ser desde usuários em uma determinada área geográfica, como uma bacia específica, até outras empresas, iniciativas setoriais, agências públicas, ONGs, organismos de regulação, entre outros. Trabalhar com parceiros, especialmente com os vizinhos de uma bacia hidrográfica, é o reconhecimento de que se risco hídrico é compartilhado por todos, exige uma resposta colaborativa. Parte da ação coletiva de uma empresa pode ser o apoio a outros stakeholders que tenham recursos mais limitados para responder aos problemas hídricos.

Parcerias são essenciais para se atingir os objetivos de Water Stewardship. Para se criar soluções sustentáveis, as parcerias devem incluir uma gama de atores que possuam interesse na

gestão da água além de envolver expertise, recursos e capital institucional externos. É essencial que as empresas envolvidas com Water Stewardship reconheçam, compreendam e respeitem os esforços para a gestão da água já realizados por esses atores.

As questões hídricas locais surgem a partir de uma complexa interação de fatores ambientais (clima, geologia e hidrologia), socioeconômicos (uso da terra, demografia e infraestrutura hídrica) e institucionais/políticos (vontade política e capacidades) em diferentes níveis: local, nacional e transfronteiriço. Os formatos de parcerias de Water Stewardship e os tipos de atividades que serão efetuadas provavelmente serão diferentes dependendo do lugar. Serão determinadas, em particular, pela presença de parceiros adequados, pelo grau de desenvolvimento e pela vontade de envolvimento por parte das instituições que realizam a gestão da água. Para se obter sucesso, as parcerias devem tratar os riscos de maneira compartilhada; ou seja, devem tratar os problemas relevantes e comuns a todos, e não apenas os específicos da empresa.

AWS – Estrutura e verificação para o manejo responsável da água.

A Aliança para Water Stewardship (AWS) foi fundada pelo WWF e outras nove organizações líderes na questão hídrica, incluindo o Carbon Disclosure Project, The Nature Conservancy e o CEO Water Mandate. No cerne da AWS, encontra-se um Padrão global de Water Stewardship, cuja versão 1.0 foi lançada em abril de 2014. Este delinea as expectativas de uma empresa que se coloca como instituição praticante dessa abordagem. Pode ser aplicado em qualquer lugar, alinha-se com as etapas estratégicas propostas pelo WWF e permite às empresas mitigarem seus riscos hídricos e aproveitarem oportunidades. Uma vez cumpridos os critérios, e verificados por um sistema independente, levam à certificação do usuário pelas práticas responsáveis condizentes com o uso da água em uma determinada localidade. O incentivo, nesse caso, confere aos que colocam o padrão 1.0 em prática, ampliarem suas chances de acesso a mercados diversificados. Além disso, ficam mais bem preparados para lidar com os desafios hídricos comuns (atuais e futuros) e com os diferentes tipos de investidores existentes, fortalecem sua reputação antes de qualquer julgamento de valor e, por fim, são favorecidos para novas oportunidades de negócios.

5. Influência na governança – A governança hídrica refere-se aos sistemas políticos, sociais, econômicos e administrativos estabelecidos para desenvolver e gerenciar os recursos hídricos e a prestação de serviços hídricos, em diferentes níveis da sociedade (GWP, 2002). Muitas vezes quando nos referimos à governança, temos em mente a perspectiva estreita do governo nacional, suas políticas, leis, regulamentos e alocação de recursos, mas advocacy ou influência podem ocorrer em várias escalas. Melhorar a governança por meio de Stewardship permite aos atores não-governamentais desempenharem um papel positivo, cumprindo suas responsabilidades e dando apoio a outros atores e ao próprio governo para que façam o mesmo.

O engajamento na arena de políticas públicas voltadas para os recursos hídricos deve ser motivado, principalmente, pela mitigação de riscos e incertezas. Em alguns lugares, as empresas podem optar por usar sua estratégia se o risco for alto ou quando considerarem que há necessidade de melhor gestão por parte das autoridades públicas, ao observar que existe risco futuro.

O engajamento em diálogos sobre políticas traz um risco associado quando não é realizado com um esforço de transparência. Empresas ou grupos comunitários menos empoderados serão suscetíveis à pressão política e, em última instância, ao aprisionamento de recursos a partir deste engajamento.

A atividade de engajamento depende muito do setor e seu poder de influência, seja um ente estratégico do governo (energia, abastecimento de água) ou um fabricante de produtos. De toda forma, uma vez tomada a decisão de se engajar, o sucesso requer que o posicionamento empresarial esteja alinhado com o interesse público maior. Esse tipo de envolvimento pode assumir diversas formas, tais como: *lobby* independente ou com outras empresas, mitigação de

Água não é carbono

É preocupante como é comum ver empresas tentarem modelar suas estratégias hídricas tendo por referência as medidas de carbono, offsets e avaliações de ciclo de vida. Embora exista ampla concordância de que a água é diferente e que uma bacia não é equivalente à outra, ainda assim vemos várias organizações que atuam em carbono e offsets passando a atuar na agenda hídrica. Em nossa opinião, quase todas essas iniciativas têm um longo caminho a ser percorrido até perderem o viés da eficiência interna e fraca análise de impacto, e começarem a ser relevantes para o Stewardship e o contexto externo de risco hídrico compartilhado.

riscos em locais específicos ou parte de grandes coalizões de empresas e ONGs. Todos esses esforços devem ajudar a criar e aumentar o apoio político para a criação e implementação gradual de legislação sobre a água.

O engajamento em diálogos sobre políticas traz um risco associado quando não é realizado com um esforço de transparência. Empresas ou grupos comunitários menos empoderados serão suscetíveis à pressão política e, em última instância, ao aprisionamento de recursos a partir deste engajamento.

Embora haja argumentos convincentes para as empresas enfrentarem os riscos hídricos engajando-se na governança da água, há potencialmente novos riscos em não abordá-los da maneira correta. A importância da água para o meio ambiente e as comunidades, bem como a sua relevância para as questões de segurança alimentar e energética fazem com que a política sobre recursos hídricos e a sua implementação sejam, no final das contas, atribuição governamental. A percepção do arcabouço político é um grande risco reputacional e, por isso, as empresas precisam ser transparentes e exercer sua influência criteriosamente. O Guia para o Engajamento Corporativo Responsável na Política Hídrica do CEO Water Mandate (Morrison et al, 2010) estabelece cinco princípios que devem nortear qualquer ação da empresa para além dos muros. transparentes e exercer sua influência criteriosamente. O Guia para o Engajamento Corporativo Responsável na Política Hídrica do CEO Water Mandate (Morrison et al, 2010) estabelece cinco princípios que devem nortear qualquer ação da empresa para além dos muros.

Princípio 1: Avance na gestão sustentável da água

Princípio 2: Respeite os papéis públicos e privados

Princípio 3: Esforce-se para ser inclusivo e formar parcerias

Princípio 4: Seja pragmático e considere o engajamento integrado

Princípio 5: Preste contas e seja transparente

Stewardship consiste em orientar e dar apoio às políticas de governo, sem suplantá-lo, e certamente sem frustrar ou prejudicar sua implementação. O setor da água tem conhecimentos técnicos necessários para resolver muitas, se não a maioria, das questões de gestão hídrica. O desafio fundamental do Water Stewardship é ampliar a discussão dos problemas hídricos, saindo do foco setorial ou empresarial e desenvolvendo um entendimento comum sobre os desafios e vetores dos problemas hídricos em todo o governo, no setor privado, na sociedade civil e nas comunidades.

Meça as coisas certas

A maioria das empresas não faz uma boa mensuração do consumo de água e nem usa unidades de medida comparáveis no monitoramento. Portanto, é importante acertar no básico, e depois considerar o que mais deveria ser monitorado. O mantra dos negócios “medir para gerir” nunca foi mais apropriado; mas certifique-se de estar realmente medindo as coisas certas. Usando as nossas etapas, considere quais questões hídricas precisam ser medidas entre as etapas 1 e 3, e assim como elas diferem das etapas 4 e 5. Estas últimas exigirão mais medidas externas sobre tendências sociais, nível de investimento dos governos e questões de direitos que dizem respeito à água - e em última análise, como afetam o seu valor em risco.

WWF-BRASIL & HSBC JUNTOS PELA PROTEÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS

Desde 2002, o WWF-Brasil e o HSBC são parceiros em iniciativas ligadas à conservação e ao uso da água. Notórios resultados foram alcançados tais como, implementação de políticas públicas, recuperação de bacias hidrográficas, fortalecimento de instituições e conscientização da população por meio de campanhas. Atualmente, no âmbito do Programa HSBC pela Água, as ações se desdobram no Pantanal mato-grossense, especificamente nos três maiores afluentes da bacia do Alto Paraguai: os rios Cabaçal, Sepotuba e Jauru. Na tentativa de dar escala aos esforços de conservação bem sucedidos na maior área úmida continental do planeta, temos apoiado uma iniciativa coletiva de Stewardship, que consiste no desenvolvimento do Pacto em Defesa das Cabeceiras do Pantanal. O Pacto é um fórum de discussão e articulação política entre poder público, sociedade civil e setor privado para que, juntos, estabeleçam soluções, metas e ações que beneficiem a todos. Será liderado pelos governos dos 25 municípios, os quais deverão se comprometer com a proteção das nascentes em suas jurisdições, numa região identificada como a caixa d'água do Pantanal. Desse modo, o equilíbrio ambiental e os processos ecológicos determinados pela relação entre o planalto e planície pantaneira poderão estar assegurados. Nesse sentido, estamos focado no engajamento e preparado o espaço de discussão entre múltiplos atores desde empresas de energia, associações de produtores, pecuaristas, frigoríficos, empresas de navegação, pescadores, pequenos produtores, ribeirinhos e indígenas.



Nascente do rio Cabaçal (MT)

Parte C O BOM, O MAU E O FEIO

Além dos desafios descritos acima, separar o bom do mau e até do feio, exigirá atenção e diferentes perspectivas para validar ações de Stewardship. Há um crescente número de premiações a indústrias, prêmios e condecorações a empresas que buscam reconhecimento pelo que têm promovido e alcançado no setor hídrico. Alguns desses trabalhos são realmente dignos de menção, uma vez que muitas empresas têm feito grandes progressos no sentido da conscientização e da ação. Contudo, muitas empresas pegam carona e tentam capitalizar o máximo suas ações, mesmo quando essas são muito fracas. Como uma voz neste ambiente, o WWF tem um papel importante a desempenhar, mas não pode e tampouco deve ser o único árbitro do Stewardship. Na medida em que esta abordagem se desenvolve e avança da teoria para a prática, ficaremos cada vez mais atentos à eficácia, inclusão e intenção das empresas e suas iniciativas.



© Global Warming Images / WWF-Canon

Reserva de Cajari – Amapa – Brasil Zig Koch / WWF-Brasil

Seguem nossas dicas básicas sobre o que fazer e o que não fazer.

O que fazer	O que não fazer
Avalie os riscos e explore quais ferramentas e indicadores são realmente significativos	Deturpe os riscos ou avalie-os com indicadores pouco confiáveis ou ferramentas com um único foco
Crie uma estratégia de água clara e forte e publique-a em seu site; apoie e desenvolva iniciativas que façam sentido estratégico do ponto de vista do seu perfil de risco, não apenas qualquer iniciativa que aborde a questão hídrica	Perpetue abordagens pontuais e motivos que não sejam claros
Arrume sua própria casa	Culpe seus vizinhos na bacia ou se envolva em debates políticos de alto nível sem assumir a responsabilidade por suas próprias ações no nível local
Envolva-se com seus vizinhos de bacia e sua cadeia de fornecedores	Ignore seus vizinhos de bacia, fornecedores e ecossistemas e diga que os problemas deles em relação a água não são parte do seu core business
Seja transparente e preste contas ao considerar a responsabilidade empresarial	Deturpe motivações e o papel que você desempenha
Explore esquemas robustos de Water Stewardship como a Aliança para Water Stewardship e considere a verificação por terceiros	Faça alegações infundadas sobre Stewardship utilizando apenas plataformas internas
Seja claro sobre seus papéis e responsabilidades	Faça <i>greenwash</i> com impactos centrais e pequenas melhorias e projetos de pequena escala
Faça parcerias em respostas compartilhadas	Subverta o discurso da água a uma agenda limitada
Antecipe as expectativas de divulgação dos investidores e as tendências de relatórios	Pense que a água não é um tema importante, que os investidores só se preocupam com lucros trimestrais, ou que o assunto é muito complexo para investidores e consumidores
Considere se a eficiência é a melhor estratégia de alocação de recursos para minimizar os seus riscos hídricos	Busque a eficiência apenas porque usar menos água é sempre bom
Comece a pensar em como suas ações afetam a relação alimento-energia-água-ecossistema	Gerencie problemas de forma compartimentalizada, sem considerar interações e trade-offs
Crie metas que sejam significativas e relevantes para o ambiente externo	Defina metas de água arbitrárias sem relação com a realidade hídrica apontada para o uso da água pelos reguladores, formuladores de políticas e a natureza
Promova forte governança e regulação previsível e consistente	Desmonte regimes regulatórios que tenham interesses estreitos e de curto prazo

Os pontos sobre o que fazer e o que não fazer são considerações essenciais para nós. Uma vez que Stewardship produz benefícios sociais e ambientais, estes pontos descrevem os requisitos básicos. Dito isso, essas não são as palavras finais sobre Water Stewardship e o pensamento do WWF continua a evoluir com a experiência adquirida. A dimensão da água e seus desafios têm testado nossos próprios pressupostos sobre como nos relacionamos com os tomadores de decisão, quais estratégias e linguagem utilizamos para atingir nossos objetivos e quais parcerias e colaboradores empregamos.

COMO SERÃO OS DEBATES REAIS SOBRE WATER STEWARDSHIP?

1. O ambiente externo vai apresentar riscos ainda maiores. Isto é verdade tanto do ponto de vista de como a água é afetada pelas mudanças radicais nas populações e no clima, bem como do desempenho dos governos e expectativas da mídia e investidores. Os desafios relacionados à água em si já são grandes e ainda se pode esperar que a convergência entre energia, alimentos e água venha a afetar as empresas e o Stewardship de muitas maneiras ainda não conhecidas.
2. As atividades de alguns setores e empresas irão afetar negativamente outros setores e empresas. Como tal, esperamos que aqueles que tentem se envolver em posições de stewards e de liderança fiquem em desacordo com setores que buscam dismantlar a legislação dos recursos hídricos, enfraquecer as instituições e se comportar de maneira unilateral. Grupos empresariais terão de conciliar o comportamento de seus próprios membros de forma a promover o bem público *versus* o modelo *business as usual*.
3. As empresas vão tomar atitudes quando o risco e a complexidade ficarem mais graves ou vão tentar resolver o problema? Quais representam Stewardship?
4. Os governos não compreendem totalmente os riscos ou motivações das empresas e, do mesmo modo, as empresas não entendem as prioridades do governo em torno de *trade-offs* difíceis. Apesar dos governos definirem as regras do jogo, muitas vezes estão tão defasados no planejamento e investimento que recorrem a respostas instintivas e não otimizadas. Esse será um espaço de disputa, com algumas empresas continuando a fazer *lobby* por benefícios de curto prazo e contra os regulamentos, enquanto outras estarão assumindo compromissos sinceros por soluções de longo prazo.

UM CHAMADO À AÇÃO

A seguir estão algumas recomendações importantes para outros grupos cruciais para a contínua evolução de Water Stewardship.

ONGs – Há uma necessidade urgente de vigilantes bem informados e pragmáticos atentos às ações das empresas. De fato,

as empresas vão se envolver em debates mais amplos sobre políticas relacionadas ao uso da água para minimizar os riscos. Manter-se sempre na negativa não é construtivo. Os diversos objetivos e perspectivas das ONGs são valiosos, mas é necessário trabalhar duro para esclarecer e distinguir as questões de direitos humanos, água potável, saneamento, privatização e comoditização da água e uso corporativo da água, para citar alguns. As ONGs têm o papel crucial de facilitadores do processo e, nesse sentido, para sermos eficazes precisamos começar a consolidar mensagens sobre esse debate.

Governo – Em última análise, os governos precisam equilibrar as necessidades do presente com as das gerações futuras. No entanto, os governos não estão mantendo o ritmo necessário em relação à gestão da água, menos ainda no que se refere ao desenvolvimento do mundo dos negócios e dos investidores em torno da água. Além disso, não estão fazendo as devidas conexões entre os riscos dos empreendimentos e questões fundiárias, políticas comerciais e lacunas na legislação. O WWF irá trabalhar com governos locais e nacionais para melhor interpretar e compreender o que as empresas estão fazendo e pensando, além de desenvolver e implementar planos de bacias que façam sentido e tragam todos os setores para a mesa.

Consumidores – Os consumidores possuem mais poder do que imaginam e podem exigir escolhas sustentáveis das empresas – que, por sua vez, podem fazer seus fornecedores, compradores e investidores levarem a sério a questão da água. Não devem ser forçados a adivinhar quais opções são sustentáveis e devem ajudar a redirecionar o debate, mudando a pergunta sobre a quantidade de água usada por uma empresa para o fato de que se a empresa age de forma responsável.

Investidores – Os investidores são cruciais para definir o que acontecerá com o Stewardship nos próximos anos. Mas, francamente, ainda não compreendem muito bem a questão hídrica. Nós já trabalhamos em estreita colaboração com investidores para esclarecer os debates sobre água e Stewardship, e para ajudá-los a fazerem as perguntas certas a respeito de seus negócios. Acreditamos que as empresas devem ser avaliadas não apenas pela quantidade de água que usam, mas pelos riscos que enfrentam e como planejam gerenciá-los. A água é um elemento que pode afetar o curto prazo, mas o valor real está em ter uma visão de longo prazo. Os investidores

podem desempenhar um papel importante na formulação de boas respostas.

Doadores públicos – A assistência para o desenvolvimento e o investimento de bancos públicos de fomento podem ser um catalizador para Water Stewardship e também ajudar a criar um espaço para os bancos privados avaliarem o desempenho positivo dessa abordagem. Em sua própria *due diligence*, empréstimos ou assistência técnica, os doadores têm a capacidade de trazer o setor privado para a ação coletiva através de um rigoroso processo de transparência e ação. Podem ajudar na facilitação de parcerias em escala e a criar uma nova geração de parcerias público-privadas em torno do risco e da ação compartilhados, e não apenas em atividades de infraestruturas.

O QUE O WWF FARÁ EM WATER STEWARDSHIP?

Ao longo dos próximos anos, o WWF continuará ampliando o seu programa de Water Stewardship e concentrando a maior parte do tempo na sua implementação. Vamos buscar o apoio de empresas e doadores nas áreas descritas abaixo e convidar empresas, doadores, ONGs, entre outros para se juntarem a nós nessa trajetória.

- 1. Mapear empresas em bacias** – Mapear empresas (PMEs² e multinacionais) em nossas bacias hidrográficas prioritárias. Ao longo do tempo, vamos rastrear também cadeias de suprimento e investimentos (públicos e privados) para envolver instituições financeiras, doadores e compradores em todas as bacias hidrográficas onde atuamos.
- 2. Implementação** – Trabalhar com empresas em áreas prioritárias para implementação de projetos de Water Stewardship em grande escala. Sempre que possível, vamos nos unir às iniciativas existentes em bacias hidrográficas, e onde não existirem, criaremos novas plataformas de envolvimento. Quando as empresas estiverem buscando participar e se posicionar, incentivaremos o uso do Padrão AWS.
- 3. Análise de risco** – Prosseguir com o desenvolvimento da WRF (waterriskfilter.org) para ajudar todas as empresas e investidores a darem o primeiro passo para o reconhecimento

2

Pequenas e médias empresas.

da importância da água. Continuaremos a relação com grupos-chave tais como o *Carbon Disclosure Project* e *Dow Jones* para promover o uso de nossa ferramenta e orientar o suporte a estratégias de água realmente eficazes.

- 4. Valoração** – Continuar a desenvolver a valoração da água pelas empresas e a fortalecer o business case para o engajamento em Water Stewardship. Vamos focar novas pesquisas no valor em risco para o negócio, de modo a ajudar no estabelecimento de melhor conexão com o custo real da água. Este trabalho, ao longo do tempo, terá a WRF como uma das ferramentas aplicáveis.
- 5. Validação dos impactos** – Water Stewardship deve nos levar a vitórias nas políticas de conservação e de gestão da água; caso contrário, devemos mudar nossa estratégia. Nosso trabalho não é tornar as empresas eficientes ou adequadas à sua finalidade, mas sim trabalhar com elas para garantir a gestão sustentável dos recursos que proporcionam benefícios mútuos.
- 6. Verbalizar** – Comunicar iniciativas e posicionamentos e incentivar outros a empreenderem mudanças significativas. É tempo de começar a insistir em maior rigor e clareza, para que as empresas se planejem e atuem de forma mais estratégica. Queremos ver estratégias publicadas em seus websites.
- 7. Trabalhar com investidores fundos de pensões e instituições financeiras** – Colaborar com as instituições financeiras para que elas efetuem os questionamentos corretos, incentivos, benchmarking e sistemas de recompensa para melhorar o desempenho. Pediremos aos investidores que verifiquem seus próprios riscos hídricos e impactos dos investimentos. Vamos encorajar fundos de pensão e instituições financeiras a apoiarem programas e empresas que acreditamos serem líderes e a desinvestirem naqueles que não são.
- 8. Comunicar** – Nosso objetivo é destacar o que funciona e o que não funciona, para mostrar às empresas e aos investidores a expectativa sobre como o “bom” se parece, e multiplicar nosso impacto, incentivando outros a replicar abordagens bem sucedidas.

9. Parceiros-chave – Trabalhar com empresas líderes selecionadas, as quais têm demonstrado liderança em Water Stewardship ou que compartilham de nossa visão e estão comprometidas a se tornarem bons water stewards. Essas relações são importantes para o WWF, pois nos orientam a conduzir Water Stewardship na prática e a desenvolver exemplos de boas práticas replicáveis por outros.

10. Colaboração – O espírito de colaboração entre os vários grupos, empresas e ONGs em Water Stewardship tem sido inspirador. Estamos comprometidos a trabalhar com esses parceiros e com tantas novas iniciativas quanto possível, incluindo desenvolvedores de ferramentas, provedores de dados, empresas, consultores e ONGs. Iremos conectar e fundir nosso trabalho onde pudermos e, particularmente, onde houver oportunidades de colaboração no nível de bacia.

O WWF-BRASIL E WATER STEWARDSHIP

Trabalharemos com o setor privado.

- Promoveremos intervenções estratégicas com companhias que contribuam com o desenvolvimento de Water Stewardship estratégico, tendo por acreditar que estamos tentando reduzir os riscos e ameaças sobre alvos de conservação e ecossistemas de água doce, fundamentais para a sociedade e para a natureza.
- Faremos parcerias com companhias que apoiem a visão institucional do WWF sobre Water Stewardship e que provoquem mudanças substanciais na gestão de recursos hídricos em bacias hidrográficas brasileiras.
- Trabalharemos com empresas voluntariamente atuantes, estimuladas pelos consumidores ou investidores e governos a tomarem atitudes antes que os conflitos pelo uso ou falta d'água culminem. Com isso, criaremos oportunidades a respeito do uso responsável da água, tratando questões sobre uso responsável e impactos associados às cadeias de fornecedores.
- Trabalharemos em constante parceria técnica com a Rede WWF.
- Estimularemos plataformas de múltiplos atores para que empresas, governos, ONGs e sociedades civis possam conjuntamente discutir e solucionar problemas.
- Trabalharemos com incentivos e certificações para boas práticas corporativas de Water Stewardship.

O crescente interesse de empresas e investidores na agenda da água é uma tendência positiva. Se o interesse transformar-se em ação fundamentada nos princípios de Water Stewardship, conseguiremos reverter as preocupantes tendências relativas à água doce. Convidamos a todos se juntarem a nós para alavancarmos o poder do Stewardship e respondermos aos nossos desafios hídricos comuns.

O BANCO DO BRASIL POSICIONADO NA JORNADA DE WATER STEWARDSHIP

É claro o avanço do Banco do Brasil na matriz de Water Stewardship, em direção à influência na governança da água. Em quase cinco anos da parceria, o Banco do Brasil levou a questão hídrica para mais de 11 milhões de pessoas, seja por intermédio da atuação local no campo e nas cidades, das ações de comunicação e conscientização de seus funcionários, bem como por meio do aprimoramento dos critérios de avaliação do risco socioambiental nos processos de financiamento e da proposição de oportunidades de negócios associados a modelos de produção sustentáveis.



Nascente do Rio dos Matos (olho d'água), no Povoado de Mangabeira, Pedro II (PI)

Este documento certamente não pretende ser a palavra final sobre Water Stewardship. Pelo contrário, esperamos que possa provocar discussão. Aceitamos a discordância parcial ou total de nossa posição, mas acreditamos que a transparência sobre nossos objetivos é a base essencial para parcerias frutíferas. Para finalizar, caberá ao WWF exercer as funções listadas abaixo, sob a perspectiva dos riscos para os negócios e respostas aos desafios hídricos:

Para mais informações: visite panda.org/ws
contate [Hânia Ribeiro](mailto:Hânia.Ribeiro@wwf.org.br)
haniaribeiro@wwf.org.br

O WWF tem produzido ou contribuído para os seguintes relatórios e ferramentas, os quais podem ser encontrados em panda.org/ws.

1. The Imported Risk: Germany's Water Risks in Times of Globalisation
2. Understanding Water Risk IV: A Primer on the Consequences of Water Scarcity for Government and Business
3. Shared Risk and Opportunity in Water Resources: Seeking a Sustainable Future for Lake Naivasha
4. Investigating Shared Risk in Water: Corporate Engagement with the Public Policy Process
5. Assessing Water Risk: A Practical Approach for Financial Institutions
6. Chief Liquidity Series 3, Extractives Sector (UNEP-FI)
7. Water footprinting: Identifying and Addressing Water Risks in the Value Chain (SABMiller)
8. Global Water Scarcity: Risks and Challenges for Business (Lloyd's 360° Risk Insight)
9. CEO Water Mandate Guide to Responsible Business Engagement with Water Policy
10. Good Water Stewardship: Guidance for agricultural suppliers (M&S)
11. 21st Century Water: Views from the Finance Sector on Water Risk and Opportunity
12. Water Stewardship 2013 Factsheet

REFERÊNCIAS

- Allan J.A. (2003). Virtual water - the water, food and trade nexus: useful concept or misleading metaphor? *Water International*, v.28, n.1, p.106-113.
- Banco Mundial (2013). Water and Climate Change. <http://water.worldbank.org/topics/water-resources-management/water-and-climate-change> (acessado em 12 de março de 2013).
- CDP-Water (2012). Collective responses to rising water challenges. CDP, London. <https://www.cdproject.net/CDPResults/CDP-Water-Disclosure-Global-Report-2012.pdf> (acessado em 12 de março de 2013).
- FAO (2007). Coping with Scarcity – Challenge of the Twenty-first Century. <http://www.fao.org/nr/water/docs/scarcity.pdf> (acessado em 12 de março de 2013).
- Faurès, J.M., Svendsen, M., Turrall, D. (2007) Reinventing Irrigation. In Molden, D. (ed.), *Water for Food, Water for Life: A comprehensive assessment of water management in agriculture*. Earthscan, London; International Water Management Institute, Colombo.
- Godfray, H.C.J., Beddington, J.R., Crute, I.R., Haddad, L., Lawrence, D., Muir, J.F., Pretty, J., Robinson, S., Thomas, S.M., Toumlin, C. (2010). Food Security: The Challenge of Feeding 9 Billion People. *Science*, Vol. 327 no. 5967 pp. 812-818.
- GWP (2002). Effective Water Governance. Briefing 7. <http://www.tnmkc.org/upload/document/bdp/2/2.7/GWP/TEC-7.pdf>.
- Morrison, J., Orr, S., Schulte, P., Hepworth, N., Christian-Smith, J., and Pegram, G. (2010). Guide to Responsible Business Engagement with Water Policy, Pacific Institute/The CEO Water Mandate, UN Global Compact, Oakland.
- Newborne, P. and Mason, N. (2012). The Private Sector's Contribution to Water Management: Clarifying Companies' Roles and Responsibilities. *Water Alternatives* 5(3):604-619.
- Tundisi, J.G. (1999). Limnologia no século XXI: perspectivas e desafios. São Carlos, SP. IIE.
- WWF (2014). Living Planet Report. Species and Spaces, People and Places. In collaboration with Global Footprint Network, Water Footprint Network and Zoological Society of London.
- WWF and DEG (2014). The Water Risk Filter. <http://waterriskfilter.org/> (acessado em 26 de setembro de 2014).
- WEF (2015). Global Risks – Tenth Edition. The Global Competitiveness and Benchmarking Network. WEF, Geneva.

WWF em números

+100

Presente em mais de 100 países, em 6 continentes

1961

Fundação em 1961

+5M

Mais de 5 milhões de apoiadores no mundo

+5,000

Mais de 5000 colaboradores no mundo



Por que estamos aqui?

Para impedir a degradação do meio ambiente e construir um futuro no qual os seres humanos possam viver em harmonia com a natureza.

© 1986 Panda symbol WWF – World Wide Fund For Nature (Formerly World Wildlife Fund) ® “WWF” is a WWF Registered Trademark. WWF, Avenue du Mont-Blanc, 1196 Gland, Switzerland
Tel. +41 22 364 9111 Fax +41 22 364 0332. For contact details and further information, please visit our international website at www.panda.org